

O ensino de Psicologia para Educadores em Minas Gerais: a experiência de Helena Antipoff (1930–1987)

Teaching Psychology for educators in Minas Gerais:
Helena Antipoff's experience (1930-1987)

Regina Helena de Freitas Campos
Graziela de Andrade Quintas

Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais,
Belo Horizonte - MG, Brasil



Resumo

A experiência da psicóloga e educadora Helena Antipoff no ensino de Psicologia para educadores é examinada, a partir dos documentos inéditos do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff localizado na Biblioteca Central da UFMG. Foram identificados 39 documentos relevantes, contendo informações sobre cursos de Psicologia lecionados para educadores entre 1930 e 1987. Os cursos aconteceram na Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Minas Gerais, na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais, na Escola Normal Rural e no Instituto Superior de Educação Rural da Fazenda do Rosário, localizada em Ibité, MG, instituições nas quais Antipoff atuou como professora. Os documentos informam sobre os conteúdos dos cursos e sobre os métodos de ensino utilizados. No que se refere aos conteúdos, observa-se a preocupação em trazer informações sobre as principais teorias psicológicas da época, em especial aquelas propostas por psicólogos franceses e suíços como Binet, Claparède e Piaget. Quanto aos métodos de ensino, evidencia-se a opção pelos métodos ativos, que privilegiam a participação do estudante na construção do conhecimento, com base na pesquisa empírica.

Palavras-chave: Ensino de psicologia; psicologia da educação; Helena Antipoff.

Abstract

The experience of the psychologist and educator Helena Antipoff in the teaching of Psychology for educators is examined, using as sources unpublished documents pertaining to the archives of the Center for Research and Documentation Helena Antipoff, located at the Federal University of Minas Gerais Central Library. Thirty nine documents were identified, containing relevant information about courses of Psychology taught to educators between 1930 and 1987. These courses were taught at the Minas Gerais Teachers College, at the Faculty of Philosophy of the Federal University of Minas Gerais, at the Fazenda do Rosário Rural Normal School and at the Fazenda do Rosário Rural Education Higher Learning Institute, the last ones located in Ibité, MG, all institutions in which Antipoff worked as a professor. The documents contain information about the contents and methods of the courses. Regarding the contents, we can observe a concern of bringing information about the main psychological theories of the time, especially those proposed by French and Swiss psychologists such as Binet, Claparède and Piaget. Regarding teaching methods, the documents provide evidence of the option for active methods, promoting students' participation in the construction of knowledge, based on empirical research.

Key-words: Teaching of Psychology; Educational Psychology; Helena Antipoff.

Introdução

Helena Antipoff nasceu em Grodno, na Rússia, em 1892. Fez sua formação universitária em Paris e também em Genebra, onde frequentou o Instituto Jean-Jacques Rousseau e obteve o diploma de psicóloga, com especialização em Psicologia da Educação.

Antipoff chega ao Brasil em 1929 na condição de assistente de Edouard Claparède, em Genebra, sendo convidada pelo Governo do Estado de Minas Gerais a participar da Reforma de ensino de 1927. A partir dessa data, então, a história da psicóloga e educadora russa começou a se fundir com a história de algumas instituições mineiras, como a Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Belo Horizonte e o Complexo Educacional da Fazenda do Rosário (Ibirité).

Sua trajetória em Minas Gerais seria, desse modo, caracterizada pela liderança nos assuntos educacionais e pela preocupação com as “crianças excepcionais”, carentes ou abandonadas e com a formação de educadores no meio rural (Campos, 2003).

Assim, o objetivo dessa pesquisa foi o de buscar informações relacionadas ao ensino de Psicologia para educadores no acervo de Helena Antipoff – disponível no Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (CDPHA) da UFMG – contribuindo tanto para a História da Psicologia quanto para a História da Educação.

A partir do estudo do acervo mencionado, foi feita uma relação dos documentos que continham informações relevantes sobre o Ensino de Psicologia Educacional em algumas instituições ligadas a Helena Antipoff. Dentre esses documentos, encontram-se programas de curso, provas e depoimentos de ex-alunas, que compreendem os conteúdos estudados e as características das aulas ministradas por Antipoff.

Neste trabalho serão apresentados o processo e os resultados da análise de

conteúdo dos documentos do acervo. Os resultados serão organizados por instituição e data, sendo acompanhados por uma contextualização dos fatos que estavam ocorrendo em Minas Gerais. Também serão apresentados alguns dados da trajetória da mestra, cuja obra é tão importante que, antes mesmo de conseguir a cidadania brasileira em 1951, já era considerada pelo poeta Carlos Drummond de Andrade uma “mineira universal”¹.

Metodologia

O acervo pesquisado é composto por 54 caixas com documentos variados, todos pertencentes a Helena Antipoff. O número de documentos em cada caixa varia.

Esses documentos compreendem programas de congressos; folhetos de instituições; relatórios de atividades da Sociedade Pestalozzi do Brasil; relatório de internatos do Instituto de Educação Rural (ISER); cartas pessoais e de instituições; histórico da Fazenda do Rosário; pensamentos manuscritos e datilografados por Antipoff; recortes de jornais; testes psicológicos; homenagens à educadora, anotações de Antipoff e documentos dos cursos rurais; questionários; fotos; relações dos objetos; depoimentos prestados pelos colaboradores de Helena Antipoff e de terceiros sobre a Mestra; publicações de Psicologia em inglês e em francês; inventários; relatórios do CDPHA; vários exemplares do jornal “O Mensageiro Rural”; redações do Teste MM, dentre vários outros assuntos.

Após uma análise de conteúdo de todo esse material, foram selecionados aqueles documentos relevantes para a pesquisa, ou seja, os documentos que continham informações a respeito do ensino de Psicologia para educadores em Minas Gerais.

¹ Poema intitulado A casa de Helena. Carlos Drummond de Andrade (1947). Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil nº42, Dez., pág. 06. Citado em Campos (2003).

No total, foram encontrados 39 documentos relevantes, que, em sua maioria, tratam de provas de Psicologia e programas de curso. Um importante documento encontrado foi o trabalho de Léa Valverde (1984), em que estão reunidos depoimentos de ex-alunas e colaboradores de Antipoff.

Esses documentos foram organizados em quadros com as categorias: localização no acervo (número da caixa, pasta e documento), nome do documento, instituição a que se refere, data, autor, descrição do documento, citações e relação com o tema pesquisado. Já os depoimentos do trabalho de Léa Valverde, foram organizados em quadros com as categorias: conteúdo das aulas, contribuições das aulas, considerações sobre Helena Antipoff, descrição das aulas e metodologia, impacto provocado pelas aulas².

Resultados

A maioria dos documentos relevantes para a pesquisa relaciona-se à Escola de Aperfeiçoamento, à Faculdade de Filosofia da Universidade (Federal) de Minas Gerais e ao Complexo Educacional da Fazenda do Rosário, motivo pelo qual essas instituições receberam destaque na abordagem dos resultados. Posteriormente, serão apresentados os depoimentos das ex-alunas de Helena Antipoff, que contêm importantes informações e características acerca do ensino de Psicologia para educadores em Minas Gerais.

O ensino de Psicologia na Escola de Aperfeiçoamento (1930-1943)

No Brasil, a consolidação do movimento da Escola Nova ocorreu por meio das reformas educacionais que ocorreram

nos anos de 1920-1930 em vários Estados. Na perspectiva escolanovista, os alunos seriam o centro do processo ensino-aprendizagem, e os professores assumiriam o papel de orientadores desse processo, enquanto que, na escola tradicional, o ensino era “centrado no mestre, havia a disciplina da pátula” e a função da escola se restringia a “transmitir conhecimento” (Veiga, 2000, p. 50).

A Reforma de ensino de Minas Gerais foi realizada pelo Secretário do Interior Francisco Luis da Silva Campos, durante o Governo Antônio Carlos (1926-1930). Assim, em 15 de outubro de 1927:

“foi promulgada a Reforma do Ensino Primário e Normal (Decreto-lei n. 7970), seguido posteriormente a esta legislação, o Programa do Ensino Primário (Decreto 8094, de 22/12/1927), o Regulamento do Ensino Normal (Decreto-lei n. 8162, de 20/01/1928), o Programa do Ensino Normal (Decreto-lei n. 8225, de 11/02/1928) e o Regulamento da Escola de Aperfeiçoamento (Decreto-lei n. 8987, de 22/02/1928)”. (Veiga, 2000, p. 51).

A Escola de Aperfeiçoamento foi criada para a “graduação de normalistas que viriam a assumir a efetiva transformação do ensino fundamental na rede de escolas primárias que foi rapidamente ampliada” no contexto da Reforma (Campos, 2003, p. 210). Foi a partir dessa instituição que se iniciou o ensino de Psicologia em nível superior no País.

Sobre a criação da Cadeira de Psicologia no ensino Normal, Francisco Campos afirma que:

“A Psicologia Educacional é necessidade imperiosa na formação do professor primário. É a sua influência que se deve a modificação do currículo escolar, bem como a renovação dos métodos de ensino. Se a criança é o instrumento e o fim da escola, é preciso conhecê-la, e quanto mais completo for esse estudo sobre ela mais fácil será à escola o exercício de sua missão” (apud Prates, 1989, p. 88).

² Todos esses quadros serão anexados ao final do relatório.

Como parte da Reforma, Francisco Campos enviou Alberto Álvares à Europa, em 1928, com o objetivo de trazer para Minas “pessoas de destaque na área pedagógica”, a fim de auxiliarem o Governo do Estado na implantação da Reforma de ensino. Assim, contratada como última integrante da missão européia, “Mme Helena Antipoff, assessora de Claparède em Genebra, deveria vir um semestre mais tarde em substituição ao professor Leon Walter, que retornaria à Europa” (Prates, 1989, p. 98). Ela chega ao Brasil no dia 06 de agosto de 1929 e, seguindo para Belo Horizonte, assume a Cadeira de Psicologia e a Coordenação do Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento.

Dentre os documentos do acervo de Helena Antipoff, encontra-se o termo da renovação de contrato entre o Estado de Minas Gerais e a Professora (1932)³. De acordo com o documento, “Mme Antipoff é contratada na qualidade de Professora de Psicologia e, especialmente, de Psicologia Experimental e de Psicologia da Criança, na Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte, e se obriga a submeter os alunos das escolas primárias a provas psicológicas (...)”.

A aplicação desses testes psicológicos estaria relacionada aos novos procedimentos de “conhecimento dos alunos para a estruturação do meio escolar de forma racionalizada, buscando-se traçar perfis e aptidões e a formação de grupos de iguais” (Greive, 2000, p. 57). Ou seja, visavam subsidiar a formação das classes homogêneas e das classes especiais nas escolas públicas.

As classes especiais eram destinadas às crianças que não conseguiam acompanhar as demais nas classes comuns, e possuíam função tripla: “assegurar às crianças a oportunidade de alcançar o máximo rendimento escolar através de um ensino individualizado;

possibilitar pesquisas psicológicas e pedagógicas acerca dos diferentes tipos de atraso escolar que as crianças apresentavam; e, através de estágios, preparar professoras para o exercício do magistério em classes especiais” (Lourenço, 2001, p. 130).

Também de acordo com o termo de contrato, Antipoff “deveria redigir um Boletim de Observações Psicológicas contendo os resultados de suas pesquisas”, para serem publicados. Além desses Boletins Pedagógicos, as pesquisas realizadas pelas alunas da Escola de Aperfeiçoamento, orientadas por Helena Antipoff, foram publicadas na Revista de Ensino, a fim de divulgar e oficializar esses novos saberes. Dentre os trabalhos publicados, destacam-se:

- Ideais e Interesses das Crianças de Belo Horizonte e algumas sugestões pedagógicas (1930);
- Homogeneização das Classes dos Grupos Escolares (1931);
- Desenvolvimento Mental das Crianças (1930);
- Estudos Escolológicos (monografias de classes escolares de Belo Horizonte), 1931;
- Contribuição à Antropologia da Moça Mineira (1933).

Relacionado a essa questão, outro documento encontrado se refere a uma reunião do Laboratório de Psicologia e das professoras, diretoras e inspetoras dos grupos escolares e das classes onde foram feitas pesquisas psicológicas (1930)⁴. Segundo o documento, a proposta da reunião era relatar alguns resultados “bastante provisórios” do trabalho realizado, durante um semestre, pelas alunas da Escola de Aperfeiçoamento nos grupos escolares.

O documento também enfatiza a importância da prática: “A psicologia,

³ Localização no acervo: caixa A1-5, pasta 06, documento 02.

⁴ Localização no acervo: caixa E1-4, pasta 01, documento 01.

sendo uma das matérias fundamentais para a formação de professores, procuramos tanto quanto possível, fazê-la aprendida, não nos livros, mas na vida, em contato real com as crianças, com as escolas”.

A Cadeira de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento “responsabilizava-se pelo embasamento científico em Biologia e em Psicologia, aprofundando-a, principalmente, nos ramos da Psicologia Racional e Experimental”. Em Biologia, via-se, dentre outros assuntos, “o crescimento infantil (aspectos quantitativo, qualitativo e morfológico; métodos antropométricos e fisiométricos para seu estudo); o desenvolvimento infantil e fatores que nele pudessem interferir (hereditariedade, meio social, organização glandular, botipos, etc.)” (Prates, 1989, p. 151).

Assim, as provas de psicologia encontradas no acervo de Helena Antipoff, referentes à Escola de Aperfeiçoamento (1932-1943)⁵, indicam alguns assuntos estudados relacionados à Biologia: embriologia, lei biogenética de Haeckel, hereditariedade, maturidade das células germinativas, sistema de nutrição do feto na vida intra-uterina, medidas antropométricas, teoria de Mendel, etc.

“A Psicologia partia da própria história do seu desenvolvimento para passar a estudar sua importância para o educador, os conceitos básicos e os fenômenos psíquicos que lhe eram relevantes, sendo acompanhados por seus respectivos métodos de investigação; pertencendo ainda à cadeira de Psicologia o estudo da estatística (...) Finalmente, o programa de psicologia fazia-se acompanhar por uma parte de Psicologia Individual, onde se estudava a personalidade, seus componentes, fatores que atuam na sua formação e as personalidades célebres” (Prates, 1989, p. 152-153).

Os assuntos que se referem à Psicologia, encontrados nas provas com-

preendem: a necessidade do estudo da Psicologia pelos educadores; métodos da ciência experimental; teste psicológico (coletivo e individual); atenção; desenho infantil; percepção; conduta do trabalho; fadiga; desenvolvimento moral e social; inteligência; instintos; personalidade; memória; repetição; papel das sensões na aprendizagem; testemunho; testes de Goodenough, Ballard e Dearborn, dentre outros.

O curso oferecido pela Escola de Aperfeiçoamento possuía a duração de dois anos e, segundo Antipoff, propunha à professora “ensinar pelo método ativo – levar o aluno a inquirir, planejar, fazer, avaliar, concluir”. Assim, “a Escola colocou a professora também ativa em sua própria aprendizagem” (apud Lourenço, 2001).

O ensino de Psicologia na Faculdade de Filosofia (1944-1961)

Helena Antipoff participou do grupo de intelectuais que se reuniu para discutir a idéia da criação da Faculdade de Filosofia em Minas Gerais, sendo aprovado seu regimento interno em novembro de 1940. Antipoff, então, “tornou-se professora fundadora da Cadeira de Psicologia Educacional na Universidade de Minas Gerais, lecionando na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, nos cursos de Licenciatura e Pedagogia” (Campos, 2003, p. 222).

No início da década de 40, o Governo do Estado de Minas recusou-se a renovar o contrato com a Professora e Pesquisadora, obrigando-a a procurar outros caminhos para continuar seu trabalho no Brasil. Assim, Antipoff transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde trabalhou junto ao Ministério da Saúde na institucionalização do Departamento Nacional da Criança e na criação da Sociedade Pestalozzi do Brasil (Campos, 2003).

⁵ Localização no acervo: caixa E1-6B, pasta 08, documento 04; E1-6B, pasta 08, doc. 03; E1-6B, pasta 08, doc. 08; E1-6B, pasta 08, doc. 05; E1-6B, pasta 08, doc. 07; E1-6B, pasta 08, doc. 02; E1-4, pasta 04, doc. 10; J1-2A, pasta 07, doc. 07.

Depois de obter a cidadania brasileira em 1951, Helena Antipoff pode reassumir a cadeira de Psicologia Educacional na Faculdade de Filosofia, afinal, a Universidade de Minas Gerais havia se federalizado.

No acervo, a maioria dos documentos encontrados referentes à Faculdade de Filosofia compreende provas de Psicologia Educacional e Planos de Curso. Sendo assim, esses documentos se configuram como “amostra” dos conteúdos ministrados por Helena Antipoff, por meio dessa disciplina. Porém, a autoria de muitos documentos não pode ser comprovada, sendo a maioria supostamente escrita por Antipoff.

Como exemplo, um documento de 1944⁶ indica os “pontos estudados” entre abril e junho do mesmo ano, na Cadeira de Psicologia Educacional. Esses pontos seriam: a Psicologia Educacional; o método científico e a pesquisa psicológica; métodos em Psicologia Educacional; comportamento e leis funcionais da conduta (Claparède); necessidades, interesses e apetites; formas de conduta inata e adquirida; nascimento e evolução da inteligência (Piaget); inteligência sensório-motora; percepção e sua evolução; linguagem.

A partir desse documento (de 1944) há uma ruptura – pela não renovação do contrato da Mestra – e o próximo documento encontrado é de 1953, de autoria de Pedro Parafita Bessa⁷ – professor assistente – e trata do conteúdo de ensino para a 3ª série do curso de Pedagogia. O conteúdo compreende o estudo da individualidade, dos testes psicológicos; crianças e adolescentes problemas; tópicos sobre a aprendizagem, sendo incluídos, na prática, estudos experimentais.

As demais provas referentes à Faculdade de filosofia também envolvem

assuntos relacionados à Biologia, como as medidas antropométricas. Também é recorrente o estudo da personalidade; a linguagem e o pensamento infantil; testes de inteligência; diferenças individuais; desenvolvimento social da criança e coletividade infantil; anamnese; o testemunho; estudo da composição livre, dos diários íntimos e escolares; a pesquisa sobre os ideais e interesses dos escolares de Belo Horizonte, dentre outros assuntos. Dentre os autores estudados, estão: Adler, Binet, Carmichael, Claparède, Decroly, Descoedres, Gesell, Lustosa, Piaget e Rorschach.

Por fim, de acordo com um dos documentos, “(...) o programa da Faculdade de Filosofia – Psicologia Educacional – passa ao estudo diferencial dos caracteres individuais do aluno, normal e infra ou supra normal e sofrendo de distúrbios funcionais ou patológicos orgânicos. Ou aluno bem dotado, gênio ou quase gênio, pela sua inteligência, aptidões especiais característicos pessoais de caráter social e moral⁸”.

A Sociedade Pestalozzi e o ensino de Psicologia na Fazenda do Rosário (1952-1987)

O sistema público de ensino, cada vez mais seletivo, provocou o aumento do número de crianças destinadas às classes especiais. Assim, Helena Antipoff “passou a dedicar-se a promover a expansão de outras alternativas para as crianças recusadas pelo sistema, as chamadas crianças excepcionais”. E, por iniciativa e sob a presidência de Antipoff, a Sociedade Pestalozzi de Belo Horizonte foi instituída em 1932, com a finalidade de auxiliar as crianças excepcionais e as professoras das classes especiais (Campos, 2003).

“A Sociedade Pestalozzi, portanto, visava atuar sobre diversos focos de exclusão social, provocados seja por

⁶ Localização no acervo: caixa E1-4, pasta 04, documento 03.

⁷ Localização no acervo: caixa E1-4, pasta 04, documento 04.

⁸ Localização no acervo: caixa E1-4, pasta 04, documento 01.

problemas de miséria e abandono, seja por questões de deficiência mental no sentido estrito. Em todos os casos, tratava-se de procurar resguardar os direitos das crianças em situação de risco social. O consultório médico-pedagógico para crianças deficientes ou problemáticas instalado pela Sociedade em 1934 passou a atender regularmente essas “crianças-problema”, e tornou-se o embrião do futuro Instituto Pestalozzi de Minas Gerais (...). (Campos, 2002, p.26).

Em 1940, a Sociedade Pestalozzi (ainda sob a liderança de Antipoff), instalou a Escola da Fazenda do Rosário (em Ibitaré, Minas Gerais), “com a finalidade de educar e reeducar crianças excepcionais ou abandonadas utilizando os métodos da Escola Ativa” – centrados na atividade espontânea da criança (Ibid).

Assim, foram sendo criadas as diversas instituições educativas que vieram a compor o Complexo Educacional da Fazenda do Rosário:

- Escolas Reunidas Dom Silvério (ensino primário);
- Clube Agrícola João Pinheiro (ensino e experimentação de técnicas agrícolas);
- Ginásio Normal Oficial Rural Sandoval Azevedo (com internato para moças);
- Ginásio Normal Oficial Rural Caio Martins (com internato para rapazes);
- Instituto Superior de Educação Rural (ISER) - “cursos de treinamento para professores rurais, incluindo a prática no cultivo de lavouras, hortas, pomares, a criação de animais e cursos de economia doméstica” (Campos, 2003, p. 223).

A maioria dos documentos encontrados no acervo, referentes à Fazenda do Rosário, estão ligados ao ISER. Um desses documentos é o programa de um Curso de Psicologia, sob a direção do Professor

André Rey, datado de 09 de outubro de 1956⁹. A temática geral desse curso, de acordo com o documento, seria a “Psicologia das aquisições e da aprendizagem”, sendo ele dividido em quatro partes: 1) fundamentos biológicos e teorias explicativas; 2) os fenômenos de aprendizagem no ser humano, as leis conhecidas, as variedades do comportamento, estudo das curvas de aprendizagem; 3) alguns fenômenos sob o ponto de vista pedagógico; 4) psicopatologia da aprendizagem encarada sobretudo do ponto de vista escolar. Não é mencionado o tempo de duração do curso.

Em seguida, há um documento do mesmo ano (1956) intitulado “Segunda parte do Programa do Curso Psicologia da Aprendizagem”, ministrado pelo professor André Rey¹⁰. Segundo o documento, o conteúdo dessa parte do curso seria: o estudo das condições favoráveis e desfavoráveis à aprendizagem (leis da aprendizagem); os fatores e mecanismos tipicamente humanos na aprendizagem (ex: ensaio e erro, papel da linguagem e a hipótese); as aprendizagens normais; treinamento em algumas provas de aprendizagem; tomada de testes coletivos; ensino de técnicas de neuropsicologia animal; problemas dos alunos com repetição de classes.

Mais uma vez, através desse documento, é possível observar a presença da prática no ensino de Psicologia para educadores, por meio da presença de atividades que envolvam os testes psicológicos.

Mais um documento referente ao ISER, é o que trata da idealização de um “Curso de Psicologia Educacional para Professores dessa Cadeira nos Cursos Normais Regionais” (1957)¹¹. Esse documento apresenta uma crítica ao ensino

⁹ Localização no acervo: caixa A1-2, pasta 05, documento 02.

¹⁰ Localização no acervo: caixa A1-2, pasta 05, documento 03.

¹¹ Localização no acervo: caixa A1-5, pasta 07, documento 02.

“livresco” da Psicologia, tornando-a uma disciplina de pouca utilidade para o educador. De acordo com o documento “Seria interessante iniciar no Instituto Superior de Educação Rural, um curso de Psicologia para professores das Cadeiras de Psicologia Educacional, dando-lhes uma orientação mais experimental e bem mais ligada ao estudo da conduta da criança, do adolescente e do próprio educador”. Novamente, percebe-se a valorização do ensino experimental da Psicologia.

O primeiro documento referente à Fazenda do Rosário, encontrado no acervo, data de 1952. Apesar de a Escola ser criada bem antes, a ruptura poderia ser explicada pela transferência de Helena Antipoff para o Rio de Janeiro na década de 40.

Esse documento de 27 de setembro de 1952¹² é de autoria de Antipoff e trata do conteúdo apresentado na VI Jornada Brasileira de Puericultura e Pediatria. A partir de uma caracterização bio-psicológica e das capacidades de aprendizagem dos indivíduos excepcionais, o documento afirma a necessidade de se levar em conta as diferenças individuais das crianças, levando à criação de métodos e ambientes escolares adequados aos “infradotados”. Assim, segundo Antipoff, “Considerando todo estudante sob o mesmo prisma, sem lhe distinguir qualidades individuais, ministra a Escola um ensino padronizado para o tipo médio de aluno sob o ponto de vista de inteligência, e nesta sem lhe discriminar as modalidades intelectuais, focalizando apenas a do tipo verbal”.

Através do documento, também se percebe a valorização das atividades práticas na educação de crianças excepcionais, tão presente na pedagogia da Fazenda do Rosário. De acordo com Helena Antipoff, “A inteligência dos retardados mentais, tendo parado nos

níveis inferiores de sua evolução, assevera-se essencialmente prática e concreta, como na criança de menor idade”. Essa afirmação lembra a presença dos estudos de Piaget, sendo que outros autores mencionados são: Alfred Binet, Alice Descoedres e Luella Cole.

Outro documento referente à Fazenda do Rosário é O Programa de Educação Emendativa do Curso Normal Colegial do Estado de Minas Gerais¹³ – curso com duração de três anos, cujas temáticas compreendem: psicologia da adolescência, conceito de infância excepcional, o educador da criança excepcional, problemas de conduta, distúrbios psico-motores e da palavra, educação de cegos, métodos empregados na educação das crianças excepcionais, ortopedia mental. Dentre os autores citados, estão: Alfred Binet, Édouard Claparède, Ovide Decroly e Maria Montessori.

As datas dos documentos seguintes são posteriores ao falecimento de Antipoff (em 1974), mas são importantes informações sobre o ensino de Psicologia, uma vez que se referem a cursos destinados a educadores, oferecidos pela Fundação Helena Antipoff (FHA - Fazenda do Rosário).

Um desses documentos, de 1980, é uma nota no jornal “O Mensageiro Rural” (ano XVI/nº. 60/out.-nov.-dez. 1980)¹⁴ sobre um Curso de Acompanhamento Psicológico ao Professor de escolas situadas nas áreas rurais e de classes especiais nas escolas comuns. O curso, de iniciativa da Divisão de Psicologia “Edouard Claparède” da FHA, teve a duração de 40 horas/aula. Seu conteúdo compreende: reeducação psicomotora; avaliação da prontidão para a aprendizagem da leitura, escrita e matemática; reeducação da linguagem e da fala; problemas de comportamento; orientação familiar; educação sexual.

¹² Localização no acervo: caixa A1-6B, pasta 01, documento 01.

¹³ Localização no acervo: caixa H1-1ª, pasta 03, documento 01.

¹⁴ Localização no acervo: caixa B1, pasta 01, documento 45.

Outra nota encontrada no jornal “O Mensageiro Rural” (ano XVIII/nº. 63/jul-ago-set 1981)¹⁵ é sobre um Curso de Fundamentação Psicológica ao trabalho do professor de classes especiais de escolas urbanas e rurais. Com duração de 40 horas/aula, seu objetivo seria o de “desenvolver estudos teóricos e práticos na área da psicomotricidade, base para a realidade escolar; esquematizar as diversas formas de avaliação da prontidão para a aprendizagem e ensinar modelos básicos de reeducação da linguagem e da fala; analisar os problemas de comportamento e sugerir meios de solucioná-los”. O programa desse curso se assemelha bastante ao anterior, em termos de conteúdo.

Novamente, no Mensageiro Rural (ano 2/nº. 13/junho 1987)¹⁶ foi encontrada uma nota sobre um Curso Intensivo de Educação Especial destinado a estudantes, pais e educadores em geral.

Por fim, um documento cuja data não é mencionada, refere-se a um Curso de Especialização em Educação de Excepcionais, também destinado a professores. O conteúdo de Psicologia presente no programa desse curso compreende: desenvolvimento da criança e métodos de estudo; tipos de excepcionais e suas características; personalidade do educador; introdução à Psicologia Social e dinâmica de grupo; introdução à Psicopatologia da infância e do adolescente; higiene mental.

A pedagogia rosariana, então, “privilegiava a cooperação: o aprendizado deveria se fazer em um ambiente de ajuda mútua e de liberdade para experimentar” (Campos, 2003, p. 224). Na década de 1950, Antipoff abandona a opção por classes seletivas incentivando a reunião de crianças de “vários níveis intelectuais” e “tipos de habilidades” nas salas de aula da Fazenda do Rosário.

Assim,

“As ações dedicadas à educação rural foram marcadas pela filosofia pedagógica preconizada pela educadora: a ênfase na atividade e autonomia do educando, a atitude democrática, o respeito à diferença, a fé na ciência como instrumento de melhoria da vida, a integração entre escola e a vida prática” (Campos, 2002).

Os depoimentos das ex-alunas e colaboradores de Helena Antipoff (1984)

Um documento importante encontrado no acervo foi o trabalho de Léa Valverde da Silva (1984)¹⁷, que reúne diversos depoimentos de ex-alunas e colaboradores de Helena Antipoff. O trabalho intitulado Diretrizes didático filosóficas de Helena Antipoff na formação de recursos humanos para a educação da criança desamparada, inclui, além dos depoimentos, algumas informações acerca da organização do ensino de Psicologia na Escola de Aperfeiçoamento. Essas informações contidas no trabalho de Silva foram retiradas do relatório de 31 de março de 1943, escrito por Antipoff:

“O ensino de Psicologia na Escola de Aperfeiçoamento, com horário de 5 horas semanais, para o 1º ano, e 6 horas semanais, para o 2º ano, ora se faz:

a) pelo professor, em aulas, sob forma expositiva, ou em discussões com os alunos;

b) em trabalhos práticos ou

c) em documentação bibliográfica.

Tanto os trabalhos práticos como a documentação bibliográfica sempre que possível, constituem motivo de pesquisa de pedologia ou psicologia experimental.

Desde os primeiros exercícios, o professor leva os alunos a assumirem a atitude ativa de pesquisadores, e tem grande empenho em formar neles o espírito curioso dos fatos da conduta e da vida mental, o rigor na técnica, a honestidade em interpretar os dados e a modéstia em declarar às vezes nulos ou negativos os resultados. Parece à professora da cadeira ter conseguido estas

¹⁵ Localização no acervo: caixa B1, pasta 01, documento 46.

¹⁶ Localização no acervo: caixa B1, pasta 01, documento 66.

¹⁷ Localização no acervo: caixa E2, pasta 03, documento 04.

qualidades em todas aquelas, alunas ou assistentes, que se dedicaram por mais tempo a semelhante treino e trabalho no Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento” (p. 06).

Nesse trabalho, também foi mencionado o Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento, que, entre 1931 e 1932, sob a direção de Antipoff, promoveu a homogeneização das classes nos grupos escolares de Belo Horizonte e do interior mineiro. Segundo Silva, o resultado foi a constatação de um grande número de retardados mentais, “segundo os critérios de desenvolvimento mental, idade cronológica e escolaridade”. “Foram, então, criadas as classes especiais e, conseqüentemente, tornou-se necessário treinar professoras para dirigi-las” (p. 06).

Mais uma vez, aparece aqui, por meio de uma fala de Antipoff, a preocupação com o excesso de “verbalismo” nas aulas: “Lamento que os métodos do nosso ensino continuem tão acadêmicos, livrescos e passivos, carecendo de interesse intrínseco para o corpo discente e obrigando-o a embotar sua curiosidade inteligente numa falsa ciência, verbal e oca” (p. 14).

Segundo Silva, essa preocupação de Helena Antipoff deve-se ao fato de que a Mestra “(...) chegou ao Brasil numa época em que para o ensino, em todos os níveis, a retórica tinha um papel preponderante. Esse foi um dos aspectos inovadores de sua pedagogia, que causou impacto até nos próprios alunos” (p. 15).

Por meio dos depoimentos, então, foram encontradas diversas informações sobre as aulas, a metodologia e o conteúdo de Psicologia Educacional ministrado por Antipoff. Também é forte a presença de falas que afirmam a valorização da prática e o “horror” da Mestra às aulas-conferência.

Sobre isso, Elisa Veloso afirma em seu depoimento que “(...) ela tinha uma didática muito peculiar. Acho que muito menos livresca, muito mais humana, muito

mais ligada à criança partindo sempre do trabalho prático, experimental” (p. 66). “Tinha horror à aula conferência. Isto antes, durante e depois do curso deu pra observar. Inclusive já no Instituto de Educação Rural, quando a coisa teve que se oficializar e, portanto, adquirir umas tantas características acadêmicas, quando ela passava por uma sala de aula e ouvia o professor dando aula-conferência ela dizia: isto é blá-blá” (p. 65).

Essa questão também aparece nos depoimentos de Alaíde Lisboa, que afirma: “Toda explicação continuava com uma aplicação” (p. 60); de Elza de Moura: “Ela deixava a cargo das colaboradoras o desenrolar de todas as matérias dos cursos. Ela era a parte dos testes, a psicologia propriamente dita. (...) Ela não admitia verbalismo” (p. 75); e de Otília Antipoff: “Ela valorizava muito aquele aspecto do Claparède fora de sala de aula. O Claparède levava as alunas para observar os animais... Ela salientava isso muito. Isso deve ser um marco muito grande e ela procurou também transmitir isso” (p. 79).

Sobre a organização e descrição das aulas, o depoimento de Elisa Veloso também indica alguns pontos:

“Nas aulas, sobretudo, ela levantava problemas, e esses problemas eram pensados e discutidos pelos alunos, evidentemente com indicação de consulta bibliográfica, mas era uma coisa extremamente dinâmica. Nunca foi uma aula-conferência dela chegar e falar digamos, uma hora ou 50 minutos e a gente memorizar aquilo. Era uma aula com participação de todos os alunos pensando e discutindo os problemas que ela apresentava.

(...) Nós tínhamos que fazer, como alunas do curso, uma monografia de uma classe primária, começando sempre do estudo das técnicas por nós mesmas. A gente, por exemplo, pesava e media, era a primeira técnica que a gente aprendia e a mais objetiva. Pesar, medir, tomar pulso das crianças, mas antes a gente fazia isto entre nós, as alunas. (...) Depois quaisquer testes que fôssemos aplicar nessa classe primária, que nós estudávamos inteira, aplicando

provas de nível mental, provas de interesse, provas de conhecimentos escolares, nós éramos submetidas a essas provas primeiro. (...) eu me lembro que a gente ia ao grupo escolar fazer um estudo dessa classe numa quarta-feira. Na terça de tarde, a gente ia à Escola de Aperfeiçoamento e se submetia a todos aqueles testes que a gente iria aplicar no dia seguinte, para ter a vivência da situação e relatando o que cada uma sentia, quando estava passando por aquela prova, e discutindo isso para no dia seguinte, então, aplicar nas crianças” (p. 66).

Já o depoimento de Helena Palladini Cardoso, aponta algumas questões referentes à organização das aulas práticas, na Escola de Aperfeiçoamento:

“Ela sempre dividia as aulas numa parte teórica e numa parte prática. Na hora da parte prática tinha aquele material todo, manômetro, espirômetros. Aparelhos para medir o pulso, a respiração, a força muscular, a capacidade torácica, tudo isso tinha. Tudo sob controle, com auxiliares que tomavam conta. Ajudávamos desde a primeira turma, antes dela ter as assistentes, as alunas que ela mesma escolhia para ajudar. (...) As professoras-alunas iam trabalhando com ela, mas depois quando formou a primeira turma, algumas foram escolhidas para as classes anexas, para dar aula nas classes modelo e outras para trabalhar no laboratório” (p. 85).

Sobre a monografia, Elza de Moura, em seu depoimento, afirma que “Cada duas alunas iam para um determinado grupo escolar e ficavam nas salas de 1ª a 4ª, e Dona Helena determinava cada ano o que nós íamos fazer, observando a criança, fazendo levantamento sobre a criança, o ensino, e no fim havia a monografia” (p. 74-75).

Em seu depoimento, Hélio Durães de Alkmim cita um trecho de uma carta de Helena Antipoff, na qual a Mestra se mostra insatisfeita com relação às aulas da Fundação Estadual de Educação Rural (FEER):

“São aulas “sentadas”. Só o docente é que está de pé e fala, os outros só escutam. Aula engraçada. Muito dife-

rente daquelas aulas que nós, com Elza de Moura e outras professoras “antigas” organizávamos cheias de movimento, de atividades manuais, de trabalhos no campo, nas hortas, nos jardins, tratando das criações e dando boa assistência às crianças em suas classes também cheias de vida e de atividades criativas. Hoje a gente fala muito da criatividade, mas a própria criatividade não aparece. E as exposições de fim dos cursos nada conseguem reunir para provar que algo de novo foi criado pela mão e pelo cérebro dos alunos” (p. 89).

Por fim, sobre as descrições das aulas, Imene Guimarães cita a influência de Claparède que Antipoff trazia:

“(...) Dona Helena contou que Claparède, para mostrar como é falho o julgamento humano, certo dia em que discutia o assunto com um grupo de alunos teve a sala de aula invadida por supostos policiais que provocaram um grande alvoroço derrubando mesas e cadeiras, ameaçando o mestre e seus discípulos. Depois que cada um fez depoimentos sobre o que havia acontecido, com grandes diferenças e contradições, Claparède esclareceu que tudo fora preparado por ele para mostrar como é difícil e até perigoso julgar. Esta é uma simples amostra de como eram as aulas de uma professora que conhecia didática teoricamente e a seguia, com êxito, na prática” (p. 93).

Outra questão que pôde ser observada nos depoimentos, é a referente às contribuições das aulas de Helena Antipoff para as professoras-alunas que as freqüentavam. Assim, Elza de Moura afirma que:

“A gente conhecia muito mal a criança, antes da Dona Helena. Ela não deixava escapar nada da criança. (...) Depois que eu fiz o curso da Escola de Aperfeiçoamento eu fui orientar professoras e veio a marca da Dona Helena (...). Exatamente fazendo essas professoras sentirem a responsabilidade sobre a criança, porque ela era regente” (p. 78).

Sobre essas contribuições, Simone Fomm Rivera afirma que: “Outra coisa que nós, que eu pelo menos devo a Dona

Helena é a abertura para a compreensão do excepcional” (p. 122).

Nos depoimentos também havia as impressões que as alunas tinham sobre Antipoff e algumas características que valorizavam na Mestra:

“Ela chegou aqui como intelectual. Era assistente do Claparède e escrevia muito, já tinha uma porção de coisas publicadas em francês e ela começou a restringir o que escrever porque ela dizia que o Brasil precisava muito mais de ação” (Alaide Lisboa, p. 59).

“(…) Ela tinha muitas preocupações com as diferenças individuais. E a preocupação dela com as diferenças individuais era a preocupação de conhecer. (…) Conhecer o aluno. Ela transferia isso para a gente também” (Alaide Lisboa, p. 60).

“Ela criava os ratos, dava nome aos ratos, marcava e fazia um estudo de psicologia experimental. Acho que nenhuma escola fazia isso nessa época. (…) Esse trabalho experimental ela fazia muita questão como treinamento de pensamento dos alunos para se habituar a observar e a medir com objetividade as coisas, os fenômenos” (Elisa Veloso, p. 67).

“Ela colocava as pessoas em situações que possibilitavam o aparecimento do trabalho criativo” (Lúcia Alencastro Valentim, p. 104).

“Para ela, os educadores deviam estar atentos a cada aluno, e não o aluno atento aos ensinamentos do mestre” (Leida Felix de Souza, p. 94).

Essa última afirmativa remete à valorização do conhecimento da criança, sendo o aluno o centro do processo de ensino-aprendizagem, de acordo com os princípios da Escola Nova.

Por fim, Simone Fomm Rivera fala sobre o impacto provocado pelas aulas de Helena Antipoff:

“Eu confesso que o primeiro impacto foi que eu esperava, de uma professora que vinha da Europa, uma aula, vamos dizer, clássica, num anfiteatro. A aula de Dona Helena era no Laboratório de Psicologia. Ela sentava à cabeceira e as alunas se distribuíam ao seu lado. Não dava aula, no sentido comum da palavra. Ela conversava, conversava e levava a turma a induzir as verdades

que ela queria divulgar, mandando desenhar, mandando fazer algumas experiências e pedindo casos, fatos vividos, ela não fazia exposições. (...) ela tirava a aula de nós. Fazia ir na indução perfeita. Com o enriquecimento e verificação toda tirada dos alunos. Ela conduzia o raciocínio da turma. Era sempre assim: o que é que a senhora pensa? O que é que a senhora acha?” (p. 125).

A partir desses depoimentos, então, as características que podem ser atribuídas ao ensino de Psicologia Educacional ministrado por Helena Antipoff são: a teoria era sempre acompanhada pela prática; as alunas eram sempre chamadas a refletir e a participar das aulas; havia a preocupação com o desenvolvimento do pensamento crítico das alunas-professoras; a vivência era muito valorizada; e, mais do que apenas aprender as teorias e técnicas psicológicas, era imprescindível que nesse processo houvesse a produção de conhecimento.

Diários da Escola Normal da Fazenda do Rosário (1950-1952)

Em 1949, com subsídios do Estado, a Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais adquiriu novos terrenos: a Chácara Santana e Olaria, na região de Ibité, próximo a Belo Horizonte. Eles seriam destinados, inicialmente, à Escola Normal Rural (de 4 anos de estudo seriado)¹⁸.

O acervo de Helena Antipoff dispõe de 15 diários onde foi descrita, pelos alunos, a rotina da Escola Normal, sendo que um desses diários foi escrito pelas professoras internas – o Curso constituía-se por alunos e professores internos e externos.

As alunas eram de várias cidades, como: Pedro Leopoldo, Pequi, Abaeté, Carandaí, Lavras, Patos de Minas, Pitangui, Itabira, Bom Despacho, Betim,

¹⁸ Informações contidas em documentos do acervo, localizados: caixa A1-4, pasta 03, doc. 01 a 03.

Pirapora, Dores do Indaiá, Várzea da Palma, Itambacuri e Cambuí.

De acordo com alguns documentos¹⁹, a formatura da primeira turma de regentes de ensino primário do Curso Normal Regional “Sandoval Soares de Azevedo” foi em 1953. Assim, conclui-se que os diários do acervo são dos alunos das duas primeiras turmas fundadas no Curso.

Cada aluno era responsável por escrever os acontecimentos do dia no diário da Escola, além de possuírem seus diários pessoais. Esses relatos incluem os afazeres domésticos, cuidados com a horta, limpeza, as aulas do Curso, as visitas que recebiam, festas, etc.

Os alunos eram divididos em grupos que se revezavam, quinzenalmente, nas tarefas, como: limpeza externa e interna dos pavilhões, cozinha, capina, adubação da horta, alimentação dos animais (coelhos, galinhas, porcos) e trabalhos manuais (confecção de colchões, balaios, rede de vôlei). Os trabalhos da cozinha não eram feitos somente pelas meninas e, segundo a professora Fernandina, com esses trabalhos “os alunos vão adquirindo bons hábitos”.

Nas reuniões quinzenais, que costumavam contar com a presença de Helena Antipoff, eram discutidos os relatórios dessas atividades, bem como os relatórios dos vários Clubes (Clube de Saúde, Agrícola, de Leitura, da Dona de Casa e Esportivo). Além desses Clubes, também havia o Grêmio Literário e Artístico e a Comissão do jornalzinho, sendo os cargos ocupados pelos alunos.

As aulas eram ministradas de segunda a sábado, sendo citadas as seguintes: Caligrafia, Educação Física (professoras Hilda e Maria de Freitas), Música (Sargento Dornas e D. Elza), Economia Doméstica (D. Helena de Castro), Agricultura (professores Nilson e Miguel Pizziolo), Desenho (Maria de Freitas e Letícia Câmara), Trabalhos Ma-

nuais, Religião (D. Fernandina), Fantoches (D. Elza de Moura), Levantamento Topográfico (Sr. João), Geografia (Hilda), Português (D. Fernandina Tavares Pais), Ciências (Dr. Euzébio) e Matemática (D. Helena de Castro). Daniel Antipoff dava aulas no Curso, como professor externo, e aplicava testes psicológicos. A Diretora era D. Olga da Costa Coelho.

Nas aulas de Ciência estudavam como exemplo, o corpo humano, botânica, zoologia, física e química. Na de matemática, cálculos mentais, gráficos, geometria, porcentagem, frações. Na de Português, verbos e concordância, análise gramatical, ditado, composições, pontuação, processo de formação das palavras. Em Geografia, estudavam composição do ar, variedades geográficas, rochas, o mapa do Brasil e de Minas Gerais, bacias hidrográficas. Em Agricultura, adubos minerais e orgânicos, esterqueiras, irrigação. Em Trabalhos Manuais, costurar e bordar. Na aula de Educação Física, os alunos marchavam e suas posturas eram observadas pelas professoras. Sobre a avaliação, os alunos passavam por provas escritas e orais.

Além das aulas, havia excursões; horas de estudo; pesagem dos alunos uma vez por semana; treino de vôlei; filmes e desenhos animados; hora de leitura na biblioteca; realizavam trabalhos em couro, madeira, argila, etc. Havia a leitura dos diários pelos próprios alunos, que eram comentados e corrigidos pelas professoras. Porém, a partir de setembro de 1951, os diários seriam lidos por outras colegas, pois, segundo uma aluna, “(...) muitas vezes não lemos tudo o que escrevemos” (diário de 25 de setembro de 1951). Aos domingos, alunos e professores se levantam cedo para participarem da Missa.

Sobre a importância desses diários, a professora Letícia Câmara Barcelos Costa comenta: “Maria de Freitas expôs um importante trabalho sobre o vocabulário dos nossos alunos, o seu enriquecimento de linguagem, etc. Essa

¹⁹ Localização: Idem.

pesquisa foi feita através dos diários desses alunos, ponto esse por onde se pode avaliar o progresso da redação, não só quanto à aquisição de termos, como também a boa aplicação dos mesmos (...)", (25 de julho de 1950).

No início de cada ano, os professores iam a Belo Horizonte examinar as candidatas às novas turmas do Curso Normal.

Através dos diários, também é possível notar a importância atribuída ao trabalho que era realizado na Fazenda do Rosário, como no comentário da professora Maria de Freitas:

"(...) as demonstrações de admiração por essa obra educativa aumentam em nós a responsabilidade de torná-la cada vez maior e de, através dessa escola, firmarmos a maior soma possível de valores para a nossa terra. Alguma coisa de grande e, talvez, de inédito para Minas estamos colaborando (...)" (Diário de 26 de agosto de 1950).

Também havia a preocupação em avaliar esse trabalho realizado pela Escola:

"Inicia hoje a nossa 12ª quinzena de trabalhos (...), respondemos as questões seguintes: A nossa escola tem alcançado o seu objetivo? Os nossos alunos têm se modificado para melhor ou para pior? A nossa educação tem sido integral? Não descuidamos de nenhuma parte?" (Olga Coelho, 28 de agosto de 1950).

Outra questão é a valorização da vida no campo, como afirma uma aluna:

"Ela (Helena Antipoff) falou-nos sobre os grandes problemas de nosso país sendo um dos principais, o desinteresse do homem pela vida do campo. Porque ele deixa este lugar, onde as terras são férteis e produtivas em que ele pode ter fortuna, boa alimentação cultivando o solo, e tendo ainda uma vida sossegada" (9 de setembro de 1951).

Assim, além de registrarem a rotina da Escola Normal, os diários serviam de instrumentos de melhora e avaliação do vocabulário e redação dos alunos, bem como indicar valores

adquiridos pelos mesmos, como presente no texto de uma aluna: "(...) nossa escola está dando os primeiros passos de sua existência e tem à sua frente uma grande missão – educar os filhos deste torrão brasileiro. Tudo para maior grandeza do País" (19 de agosto de 1951).

Discussão dos resultados

Com as influências do movimento da Escola Nova, a criança passa a ser o centro do processo de ensino e aprendizagem, sendo necessário conhecê-la melhor – suas necessidades, seus interesses e deficiências. A Psicologia Educacional, desse modo, seria um instrumento para o estudo e melhor conhecimento da criança.

Assim, com a implantação do Laboratório de Psicologia Educacional da Escola de Aperfeiçoamento, os alunos das escolas públicas do Estado passavam por testes, cujos resultados facilitariam a homogeneização das turmas e a criação das classes especiais. O Laboratório era parte imprescindível para a formação dos educadores, pois era onde aprendiam e colocavam em prática as técnicas psicológicas. No Laboratório as alunas-professoras também participavam das pesquisas, da produção de novos conhecimentos.

A valorização da prática é uma questão que frequentemente aparece nos documentos do acervo. A Psicologia – destacando-se a Experimental – era aprendida não nos livros, mas em contato real com as situações, com as crianças, com a escola. As alunas-professoras deveriam ser ativas em sua própria aprendizagem. Assim, através desse modelo de ensino da Psicologia Educacional, propunha-se que as professoras ensinassem às crianças pelo método ativo, onde estas seriam levadas a pensar, avaliar, concluir.

Por meio dos documentos analisados também é possível listar os

assuntos que eram tratados nas aulas, como mencionados nesse trabalho, bem como os autores estudados. Dentre os assuntos que apareciam mais frequentemente nas provas e programas de curso, se encontram: personalidade, individualidade, leis da conduta, o estudo dos interesses das crianças, aprendizagem, linguagem, pensamento infantil, fadiga, atenção e os métodos de investigação. Os autores mais mencionados são: Adler, Binet, Claparède, Decroly, Descoedres, Simon, Pestalozzi e Piaget.

A questão da avaliação também está muito presente, pela quantidade de provas de Psicologia que foram encontradas. Em sua maioria, eram compostas por questões abertas, que tratavam também das pesquisas recentes (na época) em Psicologia Educacional.

Nos documentos referentes à Fazenda do Rosário, aparecem muitos cursos, destinados a professores, com a temática da “educação de excepcionais”. Essa instituição, voltada para a educação de crianças excepcionais ou abandonadas, utilizava o método da Escola Ativa. Sendo assim, a pedagogia rosariana preconizava a ênfase na atividade e autonomia do educando e a integração entre escola e a vida prática, levando-se em conta as diferenças individuais dos alunos.

Também se observa, através dos documentos do Instituto Superior de Educação Rural (ISER), uma forte crítica ao ensino “livresco” da Psicologia. Esses documentos apontam que seria interessante trabalhar com os educadores uma

perspectiva mais experimental da Psicologia, dando atenção às condutas dos sujeitos envolvidos na educação (da criança, do adolescente e do próprio educador).

A partir dos depoimentos das ex-alunas de Helena Antipoff, foi possível distinguir algumas características das aulas de Psicologia Educacional ministradas pela Mestra, como a valorização da prática e dos estudos experimentais, a preocupação com o desenvolvimento crítico, a participação das alunas nas aulas e na produção de conhecimento.

Por fim, o que mais chama a atenção é a preocupação de Antipoff com a educação e com a situação das crianças brasileiras, principalmente aquelas que estavam em “risco social”. Para atender a essas crianças, seria importante uma formação adequada dos professores, que incluísse atividades práticas, onde o educador pudesse conhecer melhor o educando. E conhecendo melhor a criança, os propósitos de educá-la, seriam melhores alcançados.

A Mestra também valorizava o respeito às diferenças individuais, e pensava que o conhecimento dessas diferenças e das características das crianças, proporcionaria um desenvolvimento mais efetivo de práticas educacionais que melhor se ajustariam às necessidades de cada criança. Assim, “(...) Helena Antipoff soube combinar a razão científica e sensibilidade para com o outro em propostas objetivas, práticas, de grande alcance social e humano” (Campos, 2003, p.228). ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Campos, R.H.F. (2002). Helena Antipoff. In: Dicionário de Educadores no Brasil da colônia aos dias atuais. (pp. 451-457) Rio de Janeiro: Editora UFRJ/MEC – Inep – Comped.

Campos, R.H.F. (2003). História da Psicologia e História da Educação – conexões. In: T.N.L. Fonseca, C.G. Veiga. História e Historiografia da Educação no Brasil. (pp. 129-158). Belo Horizonte: Autêntica.

Campos, R.H.F. (2002). Helena Antipoff: textos escolhidos. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Campos, R.H.F. (2003). Helena Antipoff: razão e sensibilidade na psicologia e na educação. In: Estudos Avançados. (pp.209-231).

Carvalho, M.M.C. (2000). Reformas da instrução pública. In: Lopes, Faria Filho & Veiga (orgs.). (pp.225-252).

Lourenço, E. (2001). A psicologia da educação na obra de Helena Antipoff: uma contribuição para a historiografia da psicologia. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais.

Prates, M.H.O. (1989). A introdução oficial do movimento de escola nova no ensino público de Minas Gerais: a Escola de Aperfeiçoamento. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais.

Silva, L.V. (1984). Diretrizes didático filosóficas de Helena Antipoff na formação de recursos humanos para a educação da criança desamparada. Rio de Janeiro: CNPQ.

Veiga, C.G. (2000). Escola Nova: a invenção de tempos, espaços e sujeitos. In: Faria Filho & Peixoto (orgs.). (pp. 48-65)

Recebido em:30/10/2007

Aceito em: 07/11/2007

Sobre a autoras:

Regina Helena de Freitas Campos é PhD em Educação pela Stanford University, EUA, e Professora de Psicologia da Educação na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.
E-mail: regihfc@terra.com.br

Graziela de Andrade Quintas é aluna do curso de graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, e bolsista de iniciação Científica, Pibic/CNPq.